

Mia Couto: o cânone contístico

Mia Couto: the short story canon

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho
mcpinheiro@ilch.uminho.pt

Palavras-chave: Mia Couto, literatura moçambicana, conto, cânone literário.
Keywords: Mia Couto, Mozambican literature, short story, literary canon.

1. O conto ocupa um lugar privilegiado na produção literária de Mia Couto e as motivações para o valor que o escritor moçambicano lhe concede vão desde o desejo de imbricação na cultura do seu país (no qual a maioria dos escritores se iniciou ficcionalmente com este género), passando pela influência de pioneiros do género (com destaque para Luís Bernardo Honwana e João Dias) e terminando na demonstração do legado da cultura oral africana. De facto, no contexto histórico e cultural moçambicano, o conto é a mais apropriada e popular forma de escrever prosa.

Situados ou durante os últimos anos da guerra colonial ou depois da independência, incluindo a guerra civil e o seu termo em 1992, os contos de Mia Couto possibilitam ainda relevantes diálogos com os romances do escritor e antecipam alguns dos mais importantes motivos nestes tratados, assumindo, portanto, um lugar prominente na afirmação do cânone do escritor.

Este ensaio procura, assim: explicitar as razões que justificam a relevância do conto na ficção de Mia Couto; identificar os motivos mais significativos das suas coletâneas de contos – os sonhos, o fantástico, o respeito pela natureza e as problemáticas sociais; demonstrar que a abordagem, nos contos, de motivos que estruturam toda a produção literária do escritor, permite considerá-los como obras marcantes no cânone literário moçambicano.

2. O conto não é seguramente um género menor na ficção de Mia Couto. Ao contrário, ele ocupa um lugar privilegiado, que o próprio escritor justifica de um modo que o sobrepõe ao romance: “uma coisa que me faz espécie é o facto de considerar o romance um género alto. Eu não sei se África deve ter um romance,

possivelmente o conto é o que funde melhor a tradição oral. Acho que é assim também na América Latina” (*apud* Afonso, 2004, p. 49).

Este não é, todavia, um momento isolado na reflexão de Mia Couto sobre o conto. Voltará a fazê-lo num comentário em que ressalta a dimensão incompleta do conto, comparando-o com um quadro, e o relevo que, pela sua própria brevidade, ele concede a fugazes momentos que singularizam a vida:

O conto é feito com pinceladas. É um quadro sem moldura, o início inacabado de uma história que nunca termina. O conto não segue vidas inteiras. É uma iluminação súbita sobre essas vidas. Um instante, um relâmpago. O mais importante não é o que revela mas o que sugere, fazendo nascer a curiosidade cúmplice de quem lê. No conto o que vale não é tanto o enredo mas o surpreender em flagrante a alma humana. (Couto, 2005, p. 46)

O estatuto periférico da produção narrativa de Mia Couto – como em geral das literaturas africanas de língua portuguesa – é com certeza hoje uma questão despicienda, desde logo pela atribuição do Prémio Camões a escritores africanos, “mostrando a abertura do cânone” (Leite, 2003, p. 24).

No que respeita às literaturas africanas, partilhamos a posição de Pozuelo Yvancos, de acordo com a qual elas entendem que “um cânone não é outra coisa senão a leitura do presente em direcção ao passado, e a criação de um isomorfismo entre texto e código, criando, no caso dos textos criativos, novos códigos para os inscrever” (*apud* Leite, 2003, p. 28).

Se durante o período colonial o género literário por excelência em Moçambique foi a poesia, após a independência os novos autores escolhem sobretudo o conto e a crónica. As duas razões históricas para a escassez de prosa narrativa no período colonial são identificadas por Patrick Chabal: por um lado, no Moçambique colonial e poesia era o género que mais facilmente escapava à censura; por outro, a quase inexistente tradição, neste país, de publicação de prosa narrativa africana levou a que a literatura africana em Moçambique se mantivesse quase exclusivamente como oral (cf. Chabal, 1996, p. 76).

É essa oralidade que em grande medida justifica a relevância que o conto adquire. Mas outros fatores para ela contribuíram. Segundo Maria Fernanda Afonso (2004, p. 69), o conto moçambicano é uma escrita que traduz “a ruptura e o regresso ao passado, a herança oral da África arcaica e os conhecimentos resultantes da evolução técnica de uma sociedade que ganhou novas exigências”. A mesma autora salienta que os escritores moçambicanos, “atentos às contradições de um país que aglutina diferentes heranças (...), acreditam que a literatura funciona como uma pedra angular na construção da identidade nacional. Cultivam a poesia, mas igualmente a narrativa curta, o conto, a estória, tipo de enunciado perfeitamente adaptado às realidades instáveis e contraditórias do país, conforme prova o número significativo de antologias de contos, publicadas depois da independência (Afonso, 2004, p. 35).

O conto surge então, no contexto moçambicano, como género que absorve tendências distintas, espaços diferentes, momentos diversos – o passado e o presente; a tradição e a modernidade; o espaço rural e o espaço citadino – razão pela qual o seu lugar na literatura deste país se assume, com frequência, como a

espinha dorsal do romance (cf. Garcia, 2011, p. 33). Reconhece ainda Maria Fernanda Afonso (2004, p. 158), que “No conto, o escritor moçambicano reconheceu-se a si próprio como um espaço recuperado” e não tem dúvidas que se trata do género que mais corresponde a um país de tradição oral, que não tem tradição de romance.

3. Não obstante o relevo do conto como género enraizado nas origens mais profundas das culturas africanas, o contexto das literaturas africanas de língua portuguesa tende a remetê-lo para a marginalidade. É dessa marginalidade que procurarei subtrair os contos de Mia Couto, vendo neles, contrastantemente, a fixação do cânone do escritor e a implantação dos motivos mais estruturantes da sua ficção narrativa. Por razões de economia temporal, desenvolverei apenas dois motivos estimulados pela cultura tradicional africana: o sonho e a sua ligação ao fantástico, por um lado; a ligação entre o homem, os animais e a natureza, por outro. Ambos contribuem para estabelecer diálogos entre a produção contística de Mia Couto, a literatura moçambicana e a literatura universal.

Os contos de Mia Couto representam microcosmos nos quais o sonho desempenha um papel incontornável. A sua procura enquanto derradeiro elemento que dá sentido à existência é confessada desde a estreia do escritor na ficção narrativa, na coletânea *Vozes Anoitecidas*¹:

O que mais me dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe na vida essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes.

Estas estórias desadormeceram em mim sempre a partir de qualquer coisa acontecida de verdade mas que me foi contada como se tivesse ocorrido na outra margem do mundo. Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. (Couto, 1992, p. 19)

Nesta reflexão introdutória pode ler-se ainda a importância da oralidade nas “estórias”, escutadas e transportadas para o registo escrito, e a diluição de fronteiras entre a realidade e a fantasia. São vários os contos de *Vozes Anoitecidas* que esbatem esta distância: “Afim, Carlota Gentina não chegou de voar?”, “As baleias de Quissico” ou “O último aviso do corvo voador” revelam que o uso fantástico não é gratuito, encontrando-se profundamente enraizado no processo de construção de identidade de um país devastado por uma guerra civil (cf. Chabal, 1996, p. 79). Registrar pela escrita os relatos orais torna-se para Mia Couto uma missão de preservação de valores culturais, como o próprio confessaria:

¹ Manuel Ferreira (1988, pp. 132-133) observa que na sua primeira coletânea de contos, publicada em 1987, Mia Couto “preferiu trabalhar, literariamente, um universo que tem mais a ver com o imaginário popular, típico das camadas desprotegidas da sociedade africana, situadas ou não em espaços geográficos isolados, indo aos mitos, às crenças e credences, utopias, surpreender comportamentos sociais e familiares de remota tradição, e, nessa aventura da representação e expressão, utilizar o que há de mais originário e por vezes angustiante na alma do africano”.

Eu vivo num país onde os contadores de histórias têm uma grande importância. Nessas zonas rurais eles são, de facto, os grandes defensores, os grandes reprodutores dessa via antiga dos valores rurais. Os contadores de histórias têm um sistema muito ritualizado de narrar, o que é uma cerimónia muito complicada, com interdições. (...) E dos rituais, uma das normas é que o contador de histórias nunca se intitule ele próprio de criador; ele está reproduzindo a palavra divina dos antepassados. (Couto, 1998, p. 13)

A representação do fantástico é, desde logo, cataforicamente antecipada nos títulos de vários contos de *Vozes Anoitecidas*, geradores da expectativa de que o texto abordará acontecimentos que desafiam explicações racionais: assim acontece com os já supracitados, mas igualmente com os contos “Os pássaros de Deus”, “O dia em que explodiu Mabata-bata”, “De como o velho Josias foi salvo das águas”, “A história dos aparecidos” ou “A menina do futuro torcido”.

O conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, da coletânea *Cada Homem é uma Raça*, será um dos melhores exemplos de permanência do fantástico: na figura de um velho passarinho negro que possuía a magia dos antepassados e comunicava com pássaros e no relato da amizade que estabelece com uma criança branca, o fantástico serve à denúncia do racismo e da opressão sofridos pelos moçambicanos durante a guerra colonial.

A terceira coletânea de contos de Mia Couto, *Estórias Abensonhadas* (1994) relata também acontecimentos extraordinários e o próprio escritor identifica, na explicitação do termo “abensonhadas”, o seu propósito ao longo das vinte e seis narrativas: “fazer a ponte entre o sonho, as pessoas e a bênção dos espíritos” (Couto, 1994, p. 213).

As coletâneas seguintes de contos – *Na Berma de Nenhuma Estrada* (2001) e *O Fio das Missangas* (2004) – retomariam e aprofundariam “o direito que a sua nação tem de sonhar” (Rothwell, 2015, p. 23).

Em narrativas que exploram fenómenos sobrenaturais, a representação da natureza e dos animais concorre também para reforçar a vertente fantástica dos contos de Mia Couto e a ligação da sua narrativa à cultura tradicional.

O universo animal metaforiza múltiplas situações: a violência das guerras (colonial e civil), a discriminação das mulheres, a tentativa de restituir a humanidade perdida pelos humanos. Esta representação dos animais enquadra-se nas culturas rurais africanas onde os animais “ultrapassam o sentido ocidental de utilidade e fazem parte de um todo chamado simplesmente de cultura, onde o homem também se inclui” (Garcia, 2011, p. 141). Adotando atributos humanos de aconselhamento, de orientação espiritual e de proteção, os animais da ficção narrativa de Mia Couto (quer contística, quer romanesca) convertem-se com frequência em substitutos dos próprios humanos.

Restringindo a análise aos contos, observemos as funções simbólicas de alguns animais: em “As baleias de Quissico”, de *Vozes Anoitecidas*, a baleia simboliza o triunfo do sonho sobre a realidade no espírito de Bento João Mussalve que, confiando nas histórias populares sobre uma baleia que guarda no seu interior todos os bens que asseguram a sobrevivência humana (azeite, bacalhau, carne e amendoins), acabará por se refugir numa velha casa abandonada à espera da baleia que haveria de chegar.

Os pássaros, animais com uma presença fundamental nos contos, podem metaforizar uma mensagem política, aquela que é antecipada pela epígrafe da coletânea *Cada Homem é Uma Raça*: “Pássaros, todos os que no chão desconhecem morada” (Couto, 1990, p. 59). Nela é veiculada uma mensagem de “libertação, de oposição ao colonialismo e de construção de um futuro novo” (Cavacas, 2015, p. 470). Uma mensagem que o conto “O embondeiro que sonhava pássaros” reforça, na simbologia antirracista subjacente à relação entre um velho passari-nheiro negro e um miúdo branco.

4. A eleição do conto em Mia Couto constitui, em síntese, uma apropriação de “matrizes enraizadas nas origens mais profundas da cultura africana. (...) O conto oral (...) assume uma importância particular em África porque representa um meio privilegiado de transmissão de conhecimentos de ordem moral, filosófica e religiosa” (Petrov, 2014, p. 34).

Nos contos de Mia Couto fundem-se passado e presente. A sua brevidade coaduna-se, em última instância, com os desassossegos e mutabilidades de um país em busca da sua identidade.

Referências bibliográficas

- Afonso, M. F. (2004). *O conto moçambicano. Escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho.
- Cavacas, F. (2015). *Mia Couto. Um moçambicano que diz Moçambique em Português*. Lisboa: Clássica Editora.
- Chabal, P. (1996). *The Postcolonial literature of lusophone Africa*, London: Hurst & Company.
- Couto, M. (1990). *Cada Homem é uma Raça* (2ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (1992). *Vozes Anoitecidas*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (1994). *Estórias Abensonhadas*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (1998). Nas pegadas de Rosa. *Scripta*, 2 (3), 5-9. Belo Horizonte.
- Ferreira, M. (1988) Mia Couto. *Vozes Anoitecidas. Colóquio/Letras*, 101, 132-133.
- Garcia, N. K. (2011). *Uma reflexão sobre a relação simbólica entre a água e o tempo na contística de Mia Couto* (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre.
- Leite, A. M. (2003). *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Lisboa: Colibri.
- Petrov, P. (2014). *O projecto literário de Mia Couto*. Lisboa: Centro de Literatura e Culturas Lusófonas Europeias.
- Rothwell, Phillip (2015). *Leituras de Mia Couto. Aspectos de um pós-modernismo moçambicano*. Coimbra: Almedina.

Resumo

Os propósitos principais do ensaio são: 1) explicitar as razões que justificam a relevância dos contos na produção literária de Mia Couto; 2) identificar os temas mais significativos nas coletâneas de contos do escritor – os sonhos, o fantástico, o respeito pela natureza e as problemáticas sociais; 3) mostrar que os contos de Couto moldam o cânone literário moçambicano.

Abstract

The essay's main purposes are: 1) To explain the reasons that justify the relevance of short stories in Mia Couto's literary production; 2) To identify the most significant themes in the author's short stories: the dreams, the fantastic, the respect for nature and the social issues; 3) To show that Couto's short stories shape Mozambican literary canon.